

Uma explicação

Falar de um escritor jovem, com uma obra reduzida e sobre a qual ainda muito pouco se escreveu, por si só me pareceu um bom desafio. Revelado por editoras menores (*Dubolso, 7 letras*), André Sant'Anna publicou também por uma editora portuguesa (*Cotovia*) e, ao que parece, tem um livro já encomendado pela *Companhia das Letras*. Textos seus integram recentes coletâneas e antologias, como *Geração 90: os transgressores* (Boitempo, 2003) e *Os cem melhores contos brasileiros do século* (Objetiva, 2001).

De sua vida sei pouco, confesso. André Sant'Anna é filho do escritor Sérgio Sant'Anna, mora já há alguns anos em São Paulo, é redator publicitário, em algum momento morou na Alemanha, é músico e recentemente esteve internado por conta de uma pancreatite, que, no mínimo, lhe fez perder muitos quilos. Eu não o conhecia pessoalmente antes de decidir tomar seus textos como objeto de minha dissertação. Porém, desde que o procurei, o autor tem respondido aos meus e-mails com generosidade, e logo me disponibilizou algumas das resenhas já publicadas sobre seus dois principais textos, *Amor* e *Sexo*.

Pouco depois descobri que a professora Ângela Maria Dias (UFF) já havia escrito um artigo dedicado a *Sexo* (artigo que o próprio escritor desconhecia). Assim, com esta dissertação, espero animar, no âmbito universitário, o debate sobre a literatura de Sant'Anna ou, ao menos, vinculá-la a debates mais caros a este circuito.

No capítulo 1, procuro analisar de que modo os textos de Sant'Anna aludem às novas tecnologias representacionais ao nível da própria linguagem, e o faço através de um paralelo com as artes visuais. Muita coisa parece comparecer ao texto de Sant'Anna: a fotografia, o pôster, a publicidade, a televisão, o cinema, o monitor, a tela, o videoteipe, a telenovela, o filme, a máquina fotográfica, a câmera de filmar, a objetiva, a lente, o circuito interno, o panóptico, a sonda, a edição, o corte, o cálculo, a técnica, o mecânico, o analógico, o digital, o eletrônico, o virtual, o simulacro, o ciborgue e muito mais. Então, busco entender, um pouco à McLuhan, como os meios (visuais), por intermédio dos textos de Sant'Anna, podem com efeito constituir uma

mensagem para um escritor, ou, quero dizer, alguém que não tenha uma relação meramente passiva com seu ‘meio’, a escrita. Este capítulo narra o meu próprio esforço para chegar a esse assunto. Ao menos, não pretendia em nenhum momento ser menos formalista ou menos óbvio do que se demonstra o próprio autor ao chamar a atenção para a musicalidade de seus textos (apelo a que também dou atenção). Sant’Anna escreve um texto de que se pode gostar ou não, mas que o leitor obrigatoriamente entende. (Assim como, ao contrário, ninguém pensa que “não entendeu” uma música porque não entende o inglês ou não lê partituras.) Se hoje já não precisamos adaptar nossos olhos à imagem da televisão, nem sempre foi assim, e, enfim, tudo o que Sant’Anna pede ao seu leitor é uma colaboração ativa. Não sei se, como disse Benjamin, “um escritor que não ensina nada aos escritores não ensina nada a ninguém” (1985: 197), mas o que me parece é que Sant’Anna diz algo aos escritores.

Outras resenhas (tanto sobre *Amor* como sobre *Sexo*) sugeriam a relação direta destes com o *PanAmérica* (1967), de José Agrippino de Paula. O próprio Sant’Anna é o primeiro a assumir a influência que escritos como os de Jorge Mautner, Glauber Rocha e José Agrippino de Paula tiveram sobre ele. Então achei que seria interessante ver até que ponto eu poderia de fato relacionar dados de *PanAmérica* não apenas a *Amor* e a *Sexo*, mas também a outros textos mais curtos de Sant’Anna. Assim, no capítulo 2, pretendi mostrar até que ponto *PanAmérica* já apresenta um mecanismo de que Sant’Anna se vale e aprimora inclusive. Em grande parte, minha leitura de *PanAmérica* terminou submetida à da professora Evelina Hoisel (UFBA), cujo livro *Supercaos* (1980), inicialmente uma tese de mestrado de nosso próprio departamento, continua sendo, até onde sei, a única análise mais cuidadosa tanto deste como de um outro texto (teatral) de Agrippino, ainda inédito, o *Nações Unidas*.

Finalmente, no capítulo 3, apresento a tese de Hal Foster, que discute questões como a representação do “real” e do “abjeto” no contexto norte-americano das artes plásticas. Aqui, segui alternando citações de diversos textos de Sant’Anna com outras de Foster a fim de entender em que medida os dois autores poderiam estar ou não estar, afinal, falando a mesma língua.

Ao menos num primeiro momento, evitei o caminho tomado por algumas resenhas, ao se deterem nas "denúncias" efetuadas pelo texto de Sant'Anna. Os três capítulos foram finalizados quase concomitantemente e por vezes um invade o assunto do outro, se é que alcançam satisfatoriamente o seu próprio objeto. Mas não pretendia me valer dos textos de Sant'Anna para fugir a eles e sim para lhes ser justo. Quero mostrar mais porque eu gosto do seu texto do que aquilo que eu "entendo" dele. Certamente necessito ainda da distância adequada para compreender o sentido – político ou não – de muitas das minhas afirmações, as quais não se baseiam numa metodologia precisa. De modo que as últimas palavras aqui apresentadas certamente não terão um caráter menos aberto ou interrogativo que o de toda esta dissertação.

Escusado dizer que as análises não são exclusivas ou exaustivas, nem eu abordei todos os textos de Sant'Anna. Mas espero que os "paralelos" e "confrontos" apresentados aqui constituam a base para a busca de um título nem tão vazio/cheio quanto *Amor* ou *Sexo*, nem tão descritivo ou chapado, tal como a denominação dos personagens deste último.